

## **Via-Láctea, de Olavo Bilac**

### **Fonte:**

BILAC, Olavo. *Antologia : Poesias*. São Paulo : Martin Claret, 2002. p. 37-55 : Via-Láctea. (Coleção a obra-prima de cada autor).

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Anamaria Grunfeld Villaça Koch – São Paulo/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.*

## **VIA-LÁCTEA Olavo Bilac**

I

Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via  
Que, aos raios do luar iluminada,  
Entre as estrelas trêmulas subia  
Uma infinita e cintilante escada.

E eu olhava-a de baixo, olhava-a... Em cada  
Degrau, que o ouro mais límpido vestia,  
Mudo e sereno, um anjo a harpa dourada,  
Ressoante de súplicas, feria...

Tu, mãe sagrada! Vós também, formosas  
Ilusões! sonhos meus! íeis por ela  
Como um bando de sombras vaporosas.

E, ó meu amor! eu te buscava, quando

Vi que no alto surgias, calma e bela,  
O olhar celeste para o meu baixando...

## II

Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura  
Me ouves agora com o melhor ouvido:  
Toda a ansiedade, todo o mal sofrido  
Em silêncio, na antiga desventura

Hoje, quero, em teus braços acolhido,  
Rever a estrada pavorosa e escura  
Onde, ladeando o abismo da loucura,  
Andei de pesadelos perseguido.

Olha-a: torce-se toda na infinita  
Volta dos sete círculos do inferno...  
E nota aquele vulto: as mãos eleva,

Tropeça, cai, soluça, arqueja, grita,  
Buscando um coração que foge, e eterno  
Ouvindo-o perto palpitar na treva.

## III

Tantos esparsos vi profusamente  
Pelo caminho que, a chorar, trilhava!  
Tantos havia, tantos! E eu passava  
Por todos eles frio e indiferente...

Enfim! enfim! pude com a mão tremente  
Achar na treva aquele que buscava...  
Por que fugias, quando eu te chamava,  
Cego e triste, tateanto, ansiosamente?

Vim de longe, seguindo de erro em erro,  
Teu fugitivo coração buscando  
E vendo apenas corações de ferro.

Pude, porém, toca-lo soluçando...  
E hoje, feliz, dentro do meu o encerro,  
E ouço-o, feliz, dentro do meu pulsando.

#### IV

Como a floresta secular, sombria  
Virgem do passo humano e do machado,  
Onde apenas, horrendo, ecoa o brado  
Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,  
Assim também, da luz do amor privado,  
Tinhas o coração ermo o fechado,  
Como a floresta secular, sombria...

Hoje, entre os ramos, a canção sonora  
Soltam festivamente os passarinhos.  
Tinge o cimo das árvores a aurora...

Palpitam flores, estremecem ninhos...  
E o sol do amor, que não entrava outrora,  
Entra dourando a areia dos caminhos.

#### V

Dizem todos: “Outrora como as aves  
Inquieta, como as aves tagarela,  
E hoje... que tens? Que sisudez revela  
Teu ar! que idéias e que modos graves!

Que tens, para que em pranto os olhos laves?  
Sê mais risonha, que serás mais bela!”  
Dizem. Mas no silêncio e na cautela  
Ficas firme e trancada a sete chaves...

E um diz: “Tolices, nada mais!” Murmura  
Outro: “Caprichos de mulher faceira!”  
E todos eles afinal: “Loucura!”

Cegos que vos cansais a interrogá-la!  
Vê-la bastava; que a paixão primeira  
Não pela voz, mas pelos olhos fala.

#### VI

Em mim também, que descuidado vistes,  
Encantado e aumentando o próprio encanto,

Tereis notado que outras cousas canto  
Muito diversas das que outrora ouvistes.

Mas amastes, sem dúvida... Portanto,  
Meditais nas tristezas que sentistes:  
Que eu, por mim, não conheço cousas tristes,  
Que mais aflijam, que torturem tanto.

Quem ama inventa as penas em que vive:  
E, em lugar de acalmar as penas, antes  
Busca novo pesar com que as avive.

Pois sabei que é por isso que assim ando:  
Que é dos loucos somente e dos amantes  
Na maior alegria andar chorando.

## VII

Não têm faltado bocas de serpentes,  
(Dessas que amam falar de todo o mundo,  
E a todo o mundo ferem, maldizentes)  
Que digam: “Mata o teu amor profundo!

Abafa-o, que teus passos imprudentes  
Te vão levando a um pélagos sem fundo...  
Vais te perder!” E, arreganhando os dentes,  
Movem para o teu lado o olhar imundo:

“Se ela é tão pobre, se não tem beleza,  
Irás deixar a glória desprezada  
E os prazeres perdidos por tão pouco?

Pensa mais no futuro e na riqueza!”  
E eu penso que afinal... Não penso nada:  
Penso apenas que te amo como um louco!

## VIII

Em que céus mais azuis, mais puros ares,  
Voa pomba mais pura? Em que sombria  
Moita mais nêvea flor acaricia,  
À noite, a luz dos límpidos luars?

Vives assim, como a corrente fria,

Que, intemerata, aos trêmulos olhares  
Das estrelas e à sombra dos palmares,  
Corta o seio das matas, erradia.

E envolvida de tua virgindade,  
De teu pudor na cândida armadura,  
Foges o amor, guardando a castidade,

- Como as montanhas, nos espaços francos  
Erguendo os altos píncaros, a alvura  
Guardam da neve que lhes cobre os flancos.

## IX

De outras sei que se mostram menos frias,  
Amando menos do que amar pareces.  
Usam todas de lágrimas e preces:  
Tu de acerbos risadas e ironias.

De modo tal minha atenção desvias,  
Com tal perícia meu engano teces,  
Que, se gelado o coração tivesses,  
Certo, querida, mais ardor terias.

Olho-te: cega ao meu olhar te fazes...  
Falo-te – e com que fogo a voz levanto! –  
Em vão... Finges-te surda às minhas frases...

Surda: e nem ouves meu amargo pranto!  
Cega: e nem vês a nova dor que trazes  
À dor antiga que doía tanto!

## X

Deixa que o olhar do mundo enfim devesse  
Teu grande amor que é teu maior segredo!  
Que terias perdido, se, mais cedo,  
Todo o afeto que sentes se mostrasse?

Basta de enganar! Mostra-me sem medo  
Aos homens, afrontando-os face a face:  
Quero que os homens todos, quando eu passe,  
Invejosos, apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais! Ando tão cheio  
Deste amor, que minh'alma se consome  
De te exaltar aos olhos do universo...

Ouçõ em tudo teu nome, em tudo o leio:  
E, fatigado de calar teu nome,  
Quase o revelo no final de um verso.

## XI

Todos esses louvores, bem o viste,  
Não conseguiram demudar-me o aspecto:  
Só me turbou esse louvor discreto  
Que no volver dos olhos traduziste...

Inda bem que entendeste o meu afeto  
E, através destas rimas, presentiste  
Meu coração que palpitava, triste,  
E o mal que havia dentro em mim secreto.

Ai de mim, se de lágrimas inúteis  
Estes versos banhasse, ambicionando  
Das néscias turbas os aplausos fúteis!

Dou-me por pago, se um olhar lhes deres:  
Fi-los pensando em ti, fi-los pensando  
Na mais pura de todas as mulheres.

## XII

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,  
Saí ansioso por te ver: corria...  
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,  
Soube logo o lugar para onde eu ia.

E tudo me falou, tudo! Escutando  
Meus passos, através da ramaria,  
Dos despertados pássaros o bando:  
“Vai mais depressa! Parabéns!” dizia.

Disse o luar: “Espera! Que eu te sigo:  
Quero também beijar as faces dela!”  
E disse o aroma: “Vai, que eu vou contigo!”

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrela:

“Como és feliz! como és feliz, amigo,  
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la!”

### XIII

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
A via-láctea, como um pálio aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entende-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

### XIV

Viver não pude sem que o fel provasse  
Desse outro amor que nos perverte e engana:  
Porque homem sou, e homem não há que passe  
Virgem de todo pela vida humana.

Por que tanta serpente atra e profana  
Dentro d’alma deixei que se aninhasse?  
Por que, abrasado de uma sede insana,  
A impuros lábios entreguei a face?

Depois dos lábios sôfregos e ardentes,  
Senti – duro castigo aos meus desejos –  
O gume fino de perversos dentes...

E não posso das faces poluídas  
Apagar os vestígios desses beijos  
E os sangrentos sinais dessas feridas!

## XV

Inda hoje, o livro do passado abrindo,  
Lembro-as e punge-me a lembrança delas;  
Lembro-as, e vejo-as, como as vi partindo,  
Estas cantando, soluçando aquelas.

Umas, de meigo olhar piedoso e lindo,  
Sob as rosas de neve das capelas;  
Outras, de lábios de coral, sorrindo,  
Desnudo o seio, lúbricas e belas...

Todas, formosas como tu, chegaram,  
Partiram... e, ao partir, dentro em meu seio  
Todo o veneno da paixão deixaram.

Mas, ah! Nenhuma teve o teu encanto,  
Nem teve olhar como esse olhar, tão cheio  
De luz tão viva, que abrasasse tanto!

## XVI

Lá fora, a voz do vento ulule rouca!  
Tu, a cabeça no meu ombro inclina,  
E essa boca vermelha e pequenina  
Aproxima, a sorrir, de minha boca!

Que eu a fronte repouse ansiosa e louca  
Em teu seio, mais alvo que a neblina  
Que, nas manhãs hiemais, úmida e fina,  
Da serra as grimpas verdejantes touca!

Solta as tranças agora, como um manto!  
Canta! Embala-me o sono com teu canto!  
E eu, aos raios tranqüilos desse olhar,

Possa dormir sereno, como o rio  
Que, em noites calmas, sossegado e frio,  
Dorme aos raios de prata do luar!...

## XVII

Por estas noites frias e brumosas  
É que melhor se pode amar, querida!

Nem uma estrela pálida, perdida  
Entre a névoa, abre as pálpebras medrosas...

Mas um perfume cálido de rosas  
Corre a face da terra adormecida...  
E a névoa cresce, e, em grupos repartida,  
Enche os ares de sombras vaporosas:

Sombras errantes, corpos nus, ardentes  
Carnes lascivas... um rumor vibrante  
De atritos longos e de beijos quentes...

E os céus se estendem, palpitando, cheios  
Da tépida brancura fulgurante  
De um turbilhão de braços e de seios.

## XVIII

Dormes... Mas que sussuro a umedecida  
Terra desperta? Que rumor enleva  
As estrelas, que no alto a Noite leva  
Presas, luzindo, à túnica estendida?

São meus versos! Palpita a minha vida  
Neles, falenas que a saudade eleva  
De meu seio, e que vão, rompendo a treva,  
Encher teus sonhos, pomba adormecida!

Dorme, com os seios nus, no travesseiro  
Solto o cabelo negro ... e ei-los correndo,  
Doudejantes, subtis, teu corpo inteiro...

Beijam-te a boca tépida e macia,  
Sobem, descem, teu hálito sorvendo...  
Por que surge tão cedo a luz do dia?!...

## XIX

Sai a passeio, mal o dia nasce,  
Bela, nas simples roupas vaporosas;  
E mostra às rosas do jardim as rosas  
Frescas e puras que possui na face.

Passa. E todo o jardim, por que ela passe,  
Atavia-se. Há falas misteriosas

Pelas moitas, saudando-a respeitosas...  
É como se uma sílfide passasse!

E a luz cerca-a, beijando-a. O vento é um choro...  
Curvam-se as flores trêmulas... O bando  
Das aves todas vem saúda-la em coro...

E ela vai, dando ao sol o rosto brando,  
Às aves dando o olhar, ao vento o louro  
Cabelo, e às flores os sorrisos dando...

## XX

Olha-me! O teu olhar sereno e brando  
Entra-me o peito, como um largo rio  
De ondas de ouro e de luz, límpido, entrando  
O ermo de um bosque tenebroso e frio.

Fala-me! Em grupos doudejantes, quando  
Falas, por noites cálidas de estio,  
As estrelas acendem-se, radiando,  
Altas, semeadas pelo céu sombrio.

Olha-me assim! Fala-me assim! De pranto  
Agora, agora de ternura cheia,  
Abre em chispas de fogo essa pupila...

E enquanto eu ardo em sua luz, enquanto  
Em seu fulgor me abraso, uma sereia  
Soluce e cante nessa voz tranqüila!

## XXI

### *A minha mãe*

Sei que um dia não há (e isso é bastante  
A esta saudade, mãe!) em que a teu lado  
Sentir não julgues minha sombra errante,  
Passo a passo a seguir teu vulto amado.

- Minha mãe! minha mãe! – a cada instante  
Ouves. Volves, em lágrimas banhado,  
O rosto, conhecendo soluçante  
Minha voz e meu passo costumado.

E sentes alta noite no teu leito  
Minh'alma na tua alma repousando,  
Repousando meu peito no teu peito...

E encho os teus sonhos, em teus sonhos brilho,  
E abres os braços trêmulos, chorando,  
Para nos braços apertar teu filho!

XXII

*A Goethe*

Quando te leio, as cenas animadas  
Por teu gênio, as paisagens que imaginas  
Cheias de vida, avultam repentinas,  
Claramente aos meus olhos desdobradas...

Vejo o céu, vejo as serras coroadas  
De gelo, e o sol, que o manto das neblinas  
Rompe, aquecendo as frígidas Campinas  
E iluminando os vales e as estradas.

Ouço o rumor soturno da charrua,  
E os rouxinóis que, no carvalho erguido,  
A voz modulam de ternuras cheia:

E vejo, à luz tristíssima da lua,  
Hermann, que cisma, pálido, embebido  
No meigo olhar da loura Dorotéia.

XXIII

*De Calderón*

Laura! dizes que Fábio anda ofendido  
E, apesar de ofendido, namorado,  
Buscando a extinta chama do passado  
Nas cinzas frias avivar do olvido.

Vá que o faça, e que o faça por perdido  
De amor ... Creio que o faz por despeitado:  
Porque o amor, uma vez abandonado,  
Não torna a ser o que já tinha sido.

Não lhe creias no olhos nem na boca,  
Inda mesmo que os vejas, como pensas,  
Mentir carícias, desmentir tristezas...

Porque finezas sobre arrufos, louca,  
Finezas podem ser; mas, sobre ofensas,  
Mais parecem vinganças que finezas.

XXIV

*A Luís Guimarães*

Vejo-a, contemplo-a comovido... Aquela  
Que amaste, e, de teus braços arrancada,  
Desceu da morte a tenebrosa escada,  
Calma e pura aos meus olhos se revela.

Vejo-lhe o riso plácido, a singela  
Feição, aquela graça delicada,  
Que uma divina mão deixou vazada  
No eterno bronze, eternamente bela.

Só lhe não vejo o olhar sereno e triste:  
- Céu, poeta, onde as asas, suspirando,  
Das líras de ouro as gemedouras cordas...

XXV

*A Bocage*

Tu, que no pego impuro das orgias  
Mergulhavas ansioso e descontente,  
E, quando à tona vinhas de repente,  
Cheias as mãos de pérolas trazias;

Tu, que do amor e pelo amor vivias,  
E que, como de límpida nascente,  
Dos lábios e dos olhos a torrente  
Dos versos e das lágrimas vertias;

Mestre querido! viverás, enquanto  
Houver quem pulse o mágico instrumento,

E preze a língua que prezavas tanto:

E enquanto houver num canto do universo  
Quem ame e sofra, e amor e sofrimento  
Saiba, chorando, traduzir no verso.

## XXVI

Quando cantas, minh'alma desprezando  
O invólucro do corpo, ascende às belas  
Altas esferas de ouro, e, acima delas,  
Ouve arcanjos as cítaras pulsando.

Corre os países longes, que revelas  
Ao som divino do teu canto: e, quando  
Baixas a voz, ela também, chorando,  
Desce, entre os claros grupo das estrelas.

E expira a tua voz. Do paraíso,  
A que subira ouvindo-te, caído,  
Fico a fitar-te pálido, indeciso...

E enquanto cismas, sorridente e casta,  
A teus pés, como um pássaro ferido,  
Toda a minh'alma trêmula se arrasta...

## XXVII

Ontem – néscio que fui! - maliciosa  
Disse uma estrela, a rir, na imensa altura:  
“Amigo! uma de nós, a mais formosa  
De todas nós, a mais formosa e pura,

Faz anos amanhã... Vamos! procura  
A rima de ouro mais brilhante, a rosa  
De cor mais viva e de maior frescura!”  
E eu murmurei comigo: “Mentirosa!”

E segui. Pois tão cego fui por elas,  
Que, enfim, curado pelos seus enganar,  
Já não creio em nenhuma das estrelas...

E – mal de mim! – eis-me, a teus pés, em pranto...  
Olha: se nada fiz para os teus anos,

Culpa as tuas irmãs que enganam tanto!

## XXVIII

Pinta-me a curva destes céus... Agora,  
Erecta, ao fundo, a cordilheira apruma:  
Pinta as nuvens de fogo de uma em uma,  
E alto, entre as nuvens, o raiar da aurora.

Solta, ondulando, os véus de espessa bruma,  
E o vale pinta, e, pelo vale em fora,  
A correnteza túrbida e sonora  
Do Paraíba, em torvelins de espuma.

Pinta; mas vê de que maneira pintas...  
Antes busques as cores da tristeza,  
Poupando o escrínio das alegres tintas:

- Tristeza singular, estranha mágoa  
De que vejo coberta a natureza,  
Porque a vejo com os olhos rasos d'água.

## XXIX

Por tanto tempo, desvairado e aflito,  
Fitei naquela noite o firmamento,  
Que ainda hoje mesmo, quando acaso o fito,  
Tudo aquilo me vem ao pensamento.

Saí, no peito o derradeiro grito  
Calcando a custo, sem chorar, violento...  
E o céu fulgia plácido e infinito,  
E havia um choro no rumor do vento...

Piedoso céu, que a minha dor sentiste!  
A áurea esfera da lua o ocaso entrava,  
Rompendo as leves nuvens transparentes;

E sobre mim, silenciosa e triste,  
A via-láctea se desenrolava  
Como um jorro de lágrimas ardentes.

## XXX

Ao coração que sofre, separado  
Do teu, no exílio em que a chorar me vejo,  
Não basta o afeto simples e sagrado  
Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,  
Nem só desejo o teu amor: desejo  
Ter nos braços teu corpo delicado,  
Ter na boca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem  
Não me envergonham: pois maior baixeza  
Não há que a terra pelo céu trocar;

E mais eleva o coração de um homem  
Ser de homem sempre e, na maior pureza,  
Ficar na terra e humanamente amar.

### XXXI

Longe de ti, se escuto, porventura,  
Teu nome, que uma boca indiferente  
Entre outros nomes de mulher murmura,  
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquele, que, mísero, a tortura  
Sofre de amargo exílio, e tristemente  
A linguagem natal, maviosa e pura,  
Ouve falada por estranha gente...

Porque teu nome é para mim o nome  
De uma pátria distante e idolatrada,  
Cuja saudade ardente me consome:

E ouvi-lo é ver a eterna primavera  
E a eterna luz da terra abençoada,  
Onde, entre flores, teu amor me espera.

### XXXII

*A um poeta*

Leio-te: - o pranto dos meus olhos rola:  
- Do seu cabelo o delicado cheiro,

Da sua voz o timbre prazenteiro,  
Tudo do livro sinto que se evola...

Todo o nosso romance: - a doce esmola  
Do seu primeiro olhas, o seu primeiro  
Sorriso, - neste poema verdadeiro,  
Tudo ao meu triste olhar se desenrola.

Sinto animar-se todo o meu passado:  
E quanto mais as páginas folheio,  
Mais vejo em tudo aquele vulto amado.

Ouçõ junto de mim bater-lhe o seio,  
E cuido vê-la, plácida, a meu lado,  
Lendo comigo a página que leio.

### XXXIII

Como quisesse livre ser, deixando  
As paragens natais, espaço em fora,  
A ave, ao bafejo tépido da aurora,  
Abriu as asas e partiu cantando.

Estranhos climas, longes céus, cortando  
Nuvens e nuvens, percorreu: e, agora  
Que morre o sol, suspende o vôo, e chora,  
E chora, a vida antiga recordando...

E logo,. O olhar volvendo compungido  
Atrás, volta saudosa do carinho,  
Do calor da primeira habitação...

Assim por largo tempo andei perdido:  
- Ah! que alegria ver de novo o ninho,  
Ver-te, e beijar-te a pequenina mão!

### XXXIV

Quando adivinha que vou vê-la, e à escada  
Ouve-me a voz e o meu andar conhece,  
Fica pálida, assusta-se, estremece,  
E não sei por que foge envergonhada.

Volta depois. À porta, alvoroçada,

Sorrindo, em fogo as faces, aparece:  
E talvez entendendo a muda prece  
De meus olhos, adianta-se apressada.

Corre, delira, multiplica os passos;  
E o chão, sob os seus passos murmurando,  
Segue-a de um hino, de rumor de festa...

E ah! que desejo de a tomar nos braços,  
O movimento rápido sustando  
Das duas asas que a paixão lhe empresta

XXXV

Pouco me pesa que mofeis sorrindo  
Destes versos puríssimos e santos:  
Porque, nisto de amor e íntimos prantos,  
Dos louvores do público prescindindo.

Homens de bronze! um haverá, de tantos,  
(Talvez um só) que, esta paixão sentindo,  
Aqui demore o olhar, vendo e medindo  
O alcance e o sentimento destes cantos.

Será esse o meu público. E, decerto,  
Esse dirá: “Pode viver tranqüilo  
Quem assim ama, sendo assim amado!”

E, trêmulo, de lágrimas coberto,  
Há de estimar quem lhe contou aquilo  
Que nunca ouviu com tanto ardor contado.